Universidades Lusíada

Furtado, Gonçalo

Cidades, construções escritas e nova política : uma conversa de Neil Leach com Gonçalo Furtado

http://hdl.handle.net/11067/5024

Metadados

Data de Publicação 2011

Resumo Em 1999, Neil Leach desenhou sobre a tradição intelectual francesa uma das mais fascinantes críticas à tendência imagética que então se verificava na cidade, arquitectura e design. Parecia claro que essa obsessão minava "totalmente" qualquer restício sócio-político. Mais tarde, olhando para lá da superfície sobreestetizada, supera o impasse Baudriallardiano, complementando o seu próprio discurso com a perspectiva Jamesoniana. Os argumentos da psicanálise sugerem-lhe agora que a produção arquitec...

Tipo article

Revisão de Pares Não

Coleções [ULL-FAA] SdA, n. 06 (2011)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-20T03:11:24Z com informação proveniente do Repositório

http://repositorio.ulusiada.pt

CIDADES, CONSTRUCOES ESCRITAS E NOVA POLÍTICA – UMA CONVERSA DE NEIL LEACH COM GONÇALO FURTADO

GONÇALO FURTADO / Prof. Dr. Arquitecto FAUP

Em 1999, Neil Leach desenhou sobre a tradição intelectual francesa uma das mais fascinantes críticas à tendência imagética que então se verificava na cidade, arquitectura e design. Parecia claro que essa obsessão minava "totalmente" qualquer restício sócio-político. Mais tarde, olhando para lá da superfície sobreestetizada, supera o impasse Baudriallardiano, complementando o seu próprio discurso com a perspectiva Jamesoniana. Os argumentos da psicanálise sugerem-lhe agora que a produção arquitectónica e sua mediatização possa assumir potencialmente um papel identificador num mundo urbano wallpaper.
Entre Porto e Londres reescrevemos o que falámos. Pensamos com reflectividade crítica, só interrompidos pelas "natas" portuguesas (sem canela) que se nos apresentam na A. A. de Londres.

(GF) – Neil, começo referindo que foi a investigação que desenvolvias na cidade de Nottingham que te pôs em trânsito pelo mundo.

(NL) – O meu trabalho tornou-se visível rapidamente quando os meus livros começaram a ser publicados; em 1997 publiquei *Rethinking Architecture* e em 1999 publiquei mais três livros.
Foi então que recebi um fax de Bernard Tschumi e fui convidado para ensinar na Universidade Columbia na cidade de Nova Iorque. Aí apercebi-me que a minha verdadeira consistência estava nesses lugares-chave da cultura metropolitana. Depois de ensinar na cidade de NY, regressei ao meu posto na de Nottingham e comecei a ensinar na Londrina AA. Desde então tenho ensinado parcialmente na Universidade de Bath e no Instituto de Arquitectura da cidade de Dessau. Mas muito do meu trabalho continua a pertencer às suas origens, que foram os debates de teoria crítica que se desenvolviam na cidade de Nottingham.

(GF) – Sei que te vês um pouco como um "radar tracking system" de ideias construtivas, e como um "translator" (de resto o teu primeiro trabalho foi aquela tradução com Rykwert) que importa enquadramentos diferentes para repensar as questões do Design.

(NL) – Joseph Rykwert foi a minha fonte original de inspiração para a noção de "importação" de ideias provenientes de outras disciplinas para o discurso arquitectónico. O seu livro *A Ideia da Cidade* foi um trabalho seminal onde aportou ideias vindas da Antropologia (de Levi-Strauss em particular) e as usou como ferramentas para abrir debates de arquitectura. "Rethinking Architecture" é exactamente isso. É uma caixa de ferramentas, como diria Deleuze. Os arquitectos já tinham começado a referenciar-se em Heidegger, e Derrida, entre outros, mas parecia-me que havia uma gama vasta de outros pensadores importantes que era necessário serem introduzidos no campo arquitectónico.

Por isso me vejo como um tradutor, um mediador de ideias externas à arquitectura, que depois importo para a arquitectura. Por vezes sinto que não interessa que raramente as remeta directamente a construções. Falando de uma plataforma arquitectónica para uma audiência arquitectónica, sinto que a minha audiência deve ser capaz de perceber a relevância arquitectónica daquilo sobre o que estou a escrever.

Quanto à outra expressão, sim, sinto que tenho de ter um "radar tracking system" para me aperceber das novas ideias que estão emergindo. É como pensar no mundo como uma vasta rede de ideias... e existe uma super-auto-estrada informática entre esses lugares-chave de intensidade urbana – NY, Londres, LA, Rotterdam, Tokyo, e talvez em breve Beijing. É interessante ver que várias pessoas nesses lugares urbanos são capazes de pegar em tais ideias, num ponto em que, frequentemente, podes encontrar as mesmas ideias a serem debatidas simultaneamente em diferentes áreas geográficas do mundo.

(GF) – Na cidade de Nothingham associaste-te a um grupo de teoria crítica, e tentaste estabelecer uma referência das suas sessoes com um outro seminário de Arquitectura que discutiria o impacto dos pensadores ali abordados...

Num tempo em que toda a comunidade Arquitectónica estava sobreinfluenciada por Heidegger, começar a lidar com as ideias de desconstrução do Derrida e depois passar a Lyotard, Deleuze, Baudrillard, etc. foi complexo.

(NL) – Sim, eu montei um seminário de Arquitectura e Teoria Crítica na cidade de Nottingham baseado nos textos de "Rethinking Architecture", e este seminário iria "pregar uma partida" ao seminário de Teoria Crítica que decorria. Assim, por exemplo terça-feira, os meus estudantes de arquitectura estariam a assistir a uma conferência de Freud, ou Marx, ou Benjamin, ou outro qualquer,

e na quinta-feira teríamos seminários para discutir a relevância dessas ideias para a arquitectura. Vejo que Deleuze e Derrida tornaram-se moda. E há muitas ideias aí expostas, de outros pensadores interessantes, como Kracauer, Bataille, Lyotard, Simmel e por aí adiante, que necessitavam de ser trazidas para o interior da arena arquitectónica.

(GF) – O resultado foi uma compilação dos comentários sobre arquitectura que os principais pensadores do séc. XX (dentro de uma certa tradição) fizeram ao longo da sua obra, o que providenciou uma paisagem de modos para repensar a arquitectura.
Mas nessa paisagem de ideias, que não declara os teus interesses (e escritores como Heidegger com quem se tem problemas estão incluídos), algumas áreas continuam a faltar. Como a Psicanálise (Freud e Lacan que nunca consideraram verdadeiramente a questão da Arquitectura, mas que usaram metáforas arquitectónicas), os estudos do Género (ainda que nestes não houvesse realmente uma tradição de pensadores-chave que tratassem de arquitectura), a Teoria Digital (que tem tido realmente um impacto importante na Arquitectura), etc.

(NL) – Esperamos lançar uma segunda edição de *Rethinking Architecture* muito brevemente, onde esperamos tratar algumas dessas lacunas da primeira edição. As regras de inclusão em Rethinking Architecture são muito simples. Os artigos têm de ter sido escritos por não-arquitectos, que tenham sido pensadores chave no séc. XX, e têm de ser sobre Arquitectura ou Urbanismo. O problema foi que houve algumas áreas onde não existiam textos convenientes. Tenho tentado rectificar isso mediante outras publicações e convites a vários indivíduos para participarem em conferências que organizei. Por exemplo, com Mark Cousins organizámos uma conferência sobre "Psicanálise e espaço" na AA há alguns anos. A Psicanálise é provavelmente o grande capítulo por escrever da teoria da arquitectura do séc. XX, porque, como referiste, ainda que Freud e Lacan usassem constantemente a metáfora arquitectónica, eles nunca escreveram sobre Arquitectura. Espero incluir artigos nas áreas que faltam, incluindo a teoria pós-colonialista na próxima edição... e gostaria de incluir mais autores femininos e mais autores asiáticos. A primeira edição é de orientacão bastante ocidental.
(GF) – Existe esse desejo de definir uma "Caixa de Ferramentas" que possa providenciar à teoria arquitectónica um potencial crítico para desafiar e desenvolver o seu modo de pensar. Mas a verdade é que até há pouco tempo havia um cânone estabele-

cido no pensamento arquitectónico que não era realmente extensivo, e a arquitectura foi operando maioritariamente no discurso positivista da construção…

(NL) – A arquitectura sempre teve a sua própria teoria... todo o acto de criatividade é informado por algum tipo de conceito de ideia. Mas demasiado frequentemente essas ideias são baseadas num positivismo banal, e demasiado frequentemente elas são aceites acriticamente. Eu sinto que a Arquitectura tem vindo a enclausurar-se, a ser um discurso de auto-legitimação, que necessita de ser "infectada" e aberta a modos de pensamento externos. Neste sentido alguns dos mais válidos ensaios no *Rethinking Architecture* são aqueles do Adorno e Jameson, que põem em questão conceitos de Arquitectura como o funcionalismo e o regionalismo crítico.

(GF) – Uma vez escreveste-me que "manter vivo o pensamento arquitectónico passa por usar dinâmicas de reflectividade auto--crítica". Também, ou mesmo mais do que isso (e aludindo a Derrida), podemos manter a Arquitectura não simplesmente baseada acriticamente na "tradição" (seja lá o que isso for) como uma espécie de fetiche, mas mais por questionar as/certas assnções que foram sendo herdadas, para descobrir tipos de fundações mais sólidas, onde a arquitectura possa ser mantida viva e sobre ela construir as suas transformações.

(NL) – Os ensaios de Adorno e Jameson de que falei põem em questão o rigor dos argumentos feitos por Loos e Frampton. Fazem--no não de um modo destrutivo, mas sim construtivo. Neste sentido eles seguem o comando de alguém como Derrida, que vê o pensamento crítico como um modo de reforçar o pensamento arquitectónico. A ideia foi desafiar essas "certas" assunções que foram aceites acriticamente, como se fossem fundações suficientemente seguras e sólidas para um argumento.
Os actos do Filosofo parecem-se muito com os de um Arquitecto, para Derrida, ao "construir" um argumento sobre fundações sólidas. É importante reconhecer que Derrida não é relativista. Questionando constantemente as coisas, ele vai introduzindo uma aferição epistemológica no pensamento. A meu ver, um relativista seria alguém que não levantaria (essas) questões, e que aceitaria uma opinião externa de modo acrítico.
Fico sempre muito nervoso com aquilo que a maioria das pessoas chama "tradição". Normalmente o termo é utilizado para de-

fender acriticamente o que quer que seja que tenha vindo do passado. Mas as tradições são dinâmicas....elas oscilam e mudam. Mais que tudo suspeito daqueles que usam termos como "autenticidade" para defender certas tradições. Judith Butler argumentou que grande parte do modo como conduzimos as nossas vidas é baseado no "performativity". Agimos fora das nossas vidas, e pela repetição de certos procedimentos, esses procedimentos tornam-se normas e tornam-se instantâneos como práticas hegemónicas. Mas é importante ver que as tradições têm sempre uma origem...no fim, a "autenticidade" torna-se frequentemente um conceito profundamente conservador que procura preservar condições existentes, frequentemente de forma altamente moralista.

(GF) – *Anaesthetics* foi um posterior posicionamento pessoal e político sobre as questões da produção arquitectónica no mundo contemporâneo.
Apresentava o mundo como um jogo de sedução e intoxicação. O êxtase da imagética tenderia a um efeito comparável aos narcóticos e reduziria a significação sócio-política mais profunda.
Se Debord relatara que estávamos a viver no "Espectáculo", Baudrillard falava já num "Crime Perfeito" em que a própria realidade foi roubada... Mas crucial para mim foi a relação exposta entre a estetização da política e a sinistra máquina de violência que pode permanecer por detrás da imagem. Referiste-me uma vez que a ilustração que elegirias como crucial do livro seria aquela da hostilidade sobre Bagdad; porque tendemos a vê-la como um bonito fogo de artifício perdendo no entanto as profundas questões políticas e sociais subjacentes… recordo também de estares a questionar a lógica da política (em acordo com o comentário Baudrillardiano sobre o privilégio contemporâneo da estética), quando um actor-Reagan se torna presidente, etc.…

(NL) – O *Anaesthetics of Architecture* foi uma tentativa de pensar, através das consequências arquitectónicas das teorias de Guy Debord e Jean Baudrillard, particularmente. Foi um livro deliberadamente extremo e polémico, numa altura em que falta coragem para escrever manifestos. Comecei a ensinar na cidade de NY pela altura em que o publiquei pela primeira vez. Pôs nervosos muitos arquitectos de NY, porque era a primeira vez que alguém usava ferramentas da vanguarda (teoria contemporânea) para atacar a vanguarda. Diziam: "não é a mim que deverias estar a criticar – é a ele" (frequentemente apontando algo injustamente para Hani Rashid). Mas, como o próprio Hani uma vez me disse, a importância do livro passava por eu não ter seguido a corrente

de pensamento que se enveredava na altura. Foi radical e provocativo. Mas é importante reconhecer que foi um livro escrito por alguém dentro da vanguarda para a vanguarda. E foi muito parcial; foi escrito com uma táctica Baudrillardiana de "estratégia fatal", onde argumentas um ponto ao grau extremo para o atingir. É menos uma representação da realidade que uma transcendência da realidade.

(GF) – Pareceu-me... que o que Baudrillard falava de modo exagerado não se desenvolvia apenas dentro do sócio-político,... mas também dentro da produção arquitectónica... onde ocorreu a oscilação para as revistas *glossy*, em que muitas das questões sociais da arquitectura se iam perdendo por detrás do império glamoroso das aparências superficiais.

(NL) – Sim, podes descrever a minha crítica como sendo uma sobre - "glossificação". Na verdade, este comentário sobre a estetização da produção arquitectónica já fora feito por Bernard Tschumi. De facto, foi provavelmente por ter pegado num pequeno comentário seu e dele ter escrito todo um livro que o levou a empregar-me na Columbia University.

(GF) – Outros escritos muito políticos foram *Architecture and Revolution* e *Millennium Culture*, que aplicam a mesma metodologia de abordagem da teoria crítica ... agora para territórios urbanos determinados num tempo preciso... não para explorar a política da imagem em geral, mas antes as políticas do espaço.
O primeiro remete para o teu próprio interesse pela Europa Oriental, como alguém que deu consigo estranhamente "fascinado por um jardim exótico e encantado para lá do muro"... Depois deste ruir, convidaste intelectuais de esquerda e direita de ambos os lados do muro de Berlim para uma conferência e um livro; e *Architecture and Revolution* constituiu uma fotografia de um certo momento na história da Europa. Que repercussões teve, e que horizontes de diálogo entre o Este e o Oeste podemos pensar depois disso e da mais recente oscilação manifestada com e apo's o 11 de Setembro?

(NL) – … *Architecture and Revolution* baseou-se numa conferência que se deu na Roménia em 1995. A conferência chamava-se "Beyond the Wall", e foi uma tentativa de pensar sobre esse "para além do Muro" entre arquitectura e política, estabelecendo

um diálogo (uma “tradução” que estabelecia fios de comunicação entre áreas diferentes – Este e Oeste, arquitectos e teóricos culturais, etc.)

Vi o livro como o registo de um momento importante, que documentou uma variedade de opiniões políticas e teóricas sobre o tipo de enquadramento em que a Europa veio operando desde 1995. O colapso do muro teve enormes repercussões sociais, económicas e políticas que tiveram um impacto em toda a profissão arquitectónica.

Arquitecturalmente falando, o livro proporciona uma lição importante, a de que a Arquitectura não pode ter um grande impacto na transformação social. Vemos que há uma tendência actualmente dos arquitectos para apresentarem a arquitectura em termos políticos, quase como um modo de acrescer credibilidade às suas opiniões.

A arquitectura é descrita como sendo revolucionária ou totalitária, frequentemente em simples termos estilísticos e não em termos de política real... Tratou-se mais de questionar a relação entre arquitectura e política. Um edifício em si não é moralmente mau ou politicamente mau.

Mas toda a minha escrita é muito política, e estou quase a acabar um livro intitulado *The Politics of Space*... Até o *Millennium Culture*, que parece suficientemente inocente, é realmente um ataque ao capitalismo como nova forma de religião, um “ópio do povo”.

(GF) – Estiveste a ensinar nos EUA, quais são as diferenças entre a teoria europeia e a americana, e caso existissem, como trabalharias produtivamente com essas diferenças?

(NL) – Enquanto indivíduo de esquerda não tive muitos problemas nos EUA, porque a Universidade de Columbia está cheia de Marxistas...

Há no entanto uma grande diferença entre a América e a Europa. Os arquitectos americanos abandonaram as questões sociais da esfera pública, num mundo mais privatizado, um abandono da utopia. Como tal, o debate arquitectónico nos EUA parece ter perdido o seu perímetro radical.

Mas também temos coisas a aprender desse posicionamento realista e pragmático americano, mesmo que abale um certo posicionamento crítico. Como teóricos temos de tentar permanecer alertas a essas diferenças e tentar trabalhar produtivamente com elas.

(GF) – O livro que compila os teus ensaios sobre "política e espaço" esta' a ser preparado, quando a tua relação com a política (como com a imagem...) se está a transformar.
Constato uma transformação para um entendimento mais "de superfície" da política, em que os políticos baseiam as suas acções num novo *set* de critérios... calculo que hoje o termo "política" quase te ponha nervoso no horizonte governativo contemporâneo.

(NL) – Uma vez ouvi o Sadie Plant (que foi um apoiante radical intenso do pensamento Situacionista), perguntar se o termo "política" ainda significava realmente algo... Sinto que ainda é um termo importante com o qual nos relacionarmos, mas que tem de ser entendido dentro do seu próprio contexto.
Para mim houve uma transformação significativa entre o pensamento radical sobre política desde os anos 60, e o pensamento actual. É como pensar numa altura de viragem, em que a política perdeu o seu profundo grau de relacionamento, e começou a operar no nível superficial. A política tornou-se hoje numa forma de operação de estilo de vida, em que as pessoas parecem votar na personalidade com mais estilo ou mais popular, e onde os manifestos já pouco significam. Seria esta a lição de Ken Livingstone – o pioneiro agitador do Marxismo, transformado num incondicionado de fatos Armani, restaurantes tailandeses mediáticos, que foi eleito presidente de Londres com o voto bem parecido "vote Ken".
Enfim, ao falar de política temos logo de relacionar a política com o enquadramento político desses dias.

(GF) – Eu concordo contigo quando por vezes pareces alertar para um perigo subjacente à teoria, isto é, quando se utilizam enquadramentos obsoletos para entender um mundo mutante...

(NL) – Quando olhamos a modos de pensamento crítico, temos de ter reserva quanto aos paradigmas emergentes de pensamento. Não faz sentido tentar julgar o fenómeno de hoje através dos paradigmas teóricos de ontem.... Neste sentido, o próprio Baudrillard está fora de moda.
Tento introduzir novos ideais políticos, e penso sobre novos modos de avaliar as possibilidades que foram expostas por esta cultura "wallpaper" superficial de hoje…

(GF) – Sim, tu mesmo também colaboraste com fotógrafos e até integraste imagens... parece-me também interessante que escrevas num estilo visual Benjaminiano, o que é natural para alguém formado em artes visuais, e frequentemente expões pormenores imagéticos arquitectónico-urbanos (como o do *Millennium Dome* enquanto metáfora para um vácuo ontológico britânico).

(NL) – Claro, como Koolhaas demonstrou, potencialmente os arquitectos dão escritores fascinantes, porque eles têm uma imaginação visual extremamente desenvolvida.
Os fotógrafos requisitam-me porque são parvos, e de certa forma vazios; como muito da cultura contemporânea. Mas há coisas positivas nesta parvoíce e vazio.... Podes recorrer a uma analogia com o ensaio de Roland Barthles sobre a torre Eiffel: o vazio da torre é o que permite às pessoas relacionarem-se com isso. Muitos dos ícones contemporâneos são vácuos, mas têm o potencial de se emprestarem para algum tipo de momento identificador. (Costumo usar a expressão "iconity of surface"). O mesmo acontece no fenómeno das Spice Girls, etc.....
Portanto, eu estou a tentar formular algo, para que não encontrei nenhum enquadramento teórico, senão talvez apenas na teologia moderna, com vista a novos desenvolvimentos na cultura popular como David Beckham…
Há uma tradição de intelectuais e teóricos, começando por Simmel e Kracauer, que começaram a olhar aspectos da cultura popular (as arcadas, os cinemas, a prostituição, o dinheiro e outras coisas) e a usá-los como instrumentos para perceber o estado fundamental das coisas. De certo modo, eu estou a fazer precisamente o mesmo, trabalhando sobre o David Beckham e por aí adiante...

(GF) – De facto, "Millennium Culture" afastou-te da atitude anterior, e também começou a marcar uma mudança que embriona o teu novo trabalho sobre "Camouflage" do qual teríamos de falar adiante. (O *Millenium Culture* alude ao evento urbano Londrino.) *Millenium Culture* tentava aplicar as questões de Baudrillard para criticar a arena cultural urbana britânica, mas já denotava uma descoberta da produtividade que a imagem poderia ter. Se vinhas do *background* esquerdista da Escola de Frankfurt, continuamente tentaste rearticulá-la nos termos de Deleuze e Derrida.

(NL) – Num certo sentido, com *Millennium Culture* desenvolvi um estilo de escrita, e uma nova forma de livro, um livro pequeno

que cabe no bolso, uma nova forma de apresentar o material (uma espécie de "cápsula do tempo"), um tipo de produção não-linear dividida em pequenos capítulos em que qualquer um poderia mergulhar quando quisesse.
Millennium Culture é para uma audiência particular, e obviamente reflecte uma mudança na forma de ler e no modo como as pessoas operam. É para a nova jovem geração mutante "Beavis and Butthead", para a qual os computadores se tornaram aparatos prostéticos e que têm um modo de operar radicalmente diferente.

(GF) – Podemos dizer que depois da "anestesia" como mecanismo psicológico que lida com o trauma, temos hoje novas operações (Lacan, em certo sentido, tem sido a tua tentativa de viragem), e poderíamos pegar na psicanálise como modo de transformar algumas assunções que foram sendo escritas no que se tornou numa espécie de crítica *mainstream* da cultura contemporânea, imergida em Debord e rearticulada em Baudrillard.
Em *Hieroglyphics of space* passas para lá de uma certa abordagem positivista à arquitectura-cidade que é dominante no nosso campo, e que apenas entende edifícios como exercício de construção…para entendê-los como parte da fábrica social do mundo-…e como eles poderiam ser interpretados enquanto possuidores de um certo significado. A série de ensaios oferece algumas aberturas de como podemos usar as ferramentas de *Rethinking Architecture* para entender como as cidades operam. A cidade é algo difícil de abordar, sempre uma cartografia em mutação…
Entendo que estejas a envolver-te com a Psicanálise – o capítulo por escrever do séc. XX, ...constatamos que muitos dos críticos proeminentes (como Cousins que se formou em psicanálise, Vidler, entre outros) estão envolvidos com ideias do campo da psicanálise e a trazê-las para o campo da teoria arquitectónica.
Podes desenvolver a importância desta tendência?

(NL) – A importância da psicanálise é que nos oferece um modo potencial de nos movermos para lá do impasse do pensamento Baudrillardiano. (E para os arquitectos isto é importante, porque temos de trabalhar com imagens). Se para Baudrillard, a realidade tem-se perdido por detrás do jogo de imagens superficiais, para Lacan nunca estamos em contacto com a realidade no primeiro plano. O que tomamos por real é na verdade o imaginário, e não há nada que não seja filtrado pela teia da imaginação. Podemos

ir mais longe e notar quanto o mundo das imagens é importante para a psicanálise. Em contraste com Debord que vê o mundo das imagens de certa forma como fonte de alienação, os pensadores da psicanálise vêm mais positivamente esse mundo como fonte de identificação.

(GF) – No livro referido percorres cidades bastante conhecidas, mas hoje a nossa experiência cultural é global…Faz parte da tua tentativa entender novas estratégias espaciais para o novo tipo de nómadas urbanos? (Estou a pensar na sinopse da conferência "Camouflage").
Nessa conferência que te trouxemos a dar em Portugal, concentraste-te numa metáfora da "Camouflage", que signifique não um entendimento da pele dum edifício, mas mais uma "certa" relação com o meio. Expuseste o quanto dependíamos da imagem e do design enquanto modo de descobrir o nosso caminho num mundo homogeneizado... pensando positivamente sobre o papel social que a Arquitectura contemporânea pode ter hoje ao providenciá-lo...obviamente que algumas pessoas o verão como um tipo de viragem (isto é o abandono de um determinado projecto anterior) e não como um trabalho complementar.

(NL) – Por "Camouflage" entendo um modo de relacionamento com o mundo, primeiramente através de meios visuais. O que me impulsionou trabalhar nisto foi o pensamento de Fredric Jameson. Jameson está interessado na noção de "cartografia cognitiva", e vê o território da estética como um meio de descobrir uma forma de "cartografia". O que necessitamos hoje, por outras palavras, é uma forma viável de expressão estética que reinsira o indivíduo na sociedade. O mundo da imagem, consequentemente, é algo "Janus-faced". É tanto a fonte dos nossos problemas, numa altura em que tudo é co-optado em imagens e mercadorias, mas também potencialmente uma saída.
Mas deixa-me tentar definir mais precisamente o que entendo por "camuflagem".
A camuflagem militar não é mais que uma parcela do conceito geral de camuflagem. De facto, o uso de equipamento de combate enquanto acessório da moda aponta para o facto não só que a camuflagem pode ser uma forma de vestir, como também que este "vestir" pode ser uma forma de camuflagem. Neste sentido, os esplêndidos uniformes militares usados em desfiles são muito mais uma forma de camuflagem como o equipamento de combate que nos faz desaparecer no meio circundante. É uma questão de

relacionamento com o meio – *standing out* ou *blending in* – através do médium da representação.
De qualquer forma, as conotações particulares da camuflagem militar permitem enfatizar a básica natureza visual e estratégica da camuflagem.
A camuflagem é portanto uma questão de disfarce, mas não se trata de esconder o "eu" através da representação. Pelo contrário, trata-se de como representar o "eu" (através da arte, design, arquitectura etc.) providenciando um mecanismo de relacionamento com o mundo. Trata-se de "conectividade". Trata-se de descobrir o nosso lugar no mundo... Pensa no exemplo de entrar numa sala em que está a passar determinada música. É esse sentimento de estar uno com o mundo, que, afirmo, o próprio design pode proporcionar...
Portanto, contra toda a crítica negativa do mundo da imagem no *Anaesthetics* (e, na verdade, o *Anaesthetics* não é erróneo – a arquitectura permanece um território escapatório – pensa nas gravuras das prisões de Piranesi que não são prisões reais mas antes labirintos românticos), eu estou aqui a tentar ver um papel social positivo para o Design. Por outras palavras, eu vejo o meu trabalho sobre Camuflagem como uma qualificação do trabalho anterior de *Anaesthetics*. Olho o reverso da medalha, esforçando-me por encontrar um papel mais positivo para a imagem, e tentando manter um posicionamento crítico.

(GF) – Nessa conferência falaste de duas referências com piada que foram importantes para compreenderes a nova prática estética enquanto forma viável de reinserir o indivíduo na sociedade. As revistas "wallpaper", e as "relações" dos animais com o meio ambiente.... talvez na adaptação animal preexista alguma alienação... mas a arquitectura frequentemente foi usada pelo homem para se desconectar do meio ambiente...
Parece que, tendo identificado um ambiente espectacular homogeneizado, agora tentas pensar mais positivamente sobre mecanismos de conexão e desconexão. Como entender as conexões num mundo global homogeneizado enquanto mecanismos de diversidade e diversificação?

(NL) – Para mim a questão de conexão ou desconexão é uma questão estratégica que depende de condições culturais... Enquanto o modernismo pode ser interpretado como uma tentativa de expor uma arquitectura talvez de maior alienação (uma arquitectura

que aniquila a natureza suave dos interiores do séc. XIX) no momento contemporâneo há de algum modo uma necessidade de reconexão. Portanto vejo o campo da estética como provenciador de um mecanismo de conexão, como um modo de se abrir para o mundo, e vencer o *horror vacui* da nossa existência despersonalizada/atomizada. Numa época de alienação, em que outras estruturas de pertença, como a família e a religião, estão a perder a sua hegemonia, eu sugiro que o campo visual possa providenciar essa conexão...

Mas a questão de conectar ou desconectar deve ser vista dialecticamente. Como Simmel expôs, só se pode conectar o que está desconectado, e desconectar o que já está conectado. Indo mais longe, conexão ou desconexão devem ser vistas, em termos de *gestalt*, como um espectro de conexão ou desconexão de um dado *background*. É portanto enquanto *background* que a arquitectura pode participar neste papel importante de identificação.

A arquitectura, portanto, como forma de camuflagem, pode providenciar um médium através do qual as pessoas se relacionem com o mundo, tanto permanecendo fora como misturando-se.

(GF) – Neste momento andas circulando pelos principais centros de produção arquitectónica, e o teu monte de livros é uma caixa de ferramentas que se foi construindo por incorporações e complementações. De certa forma, constitui a caixa de ferramentas que referíamos no inicio…Na última década começamos a também viver num mundo digital.... e alguns filósofos viram isso como uma utopia... (Hoje interessa-me menos mas escrevi sobre isso) Estás a dar importância a esta questão contemporânea em alguns dos teus livros?

(NL) – Tem a ver com o meu trabalho em dois sentidos: é uma tentativa de ir para lá de um tipo de pensamento conservativo, Heideggeriano, que é antagónico perante a tecnologia, e para desenvolver uma atitude mais aberta. E isso também se relaciona com o meu pensamento de camuflagem, que é sobre assimilação – adaptação, e a nova geração de cultura arquitectónica que está a assimilar o mundo digital. Necessitamos de permanecer mentes-abertas, mas também críticos em relação a um território cheio de possibilidades.

Mas o mundo digital não pode por muito mais tempo ser rejeitado como utópico.... Tudo hoje é influenciado por esse campo. E

a posição mais utópica seria uma que existiu nalgumas escolas até há pouco tempo atrás – de alguma forma que os estudantes deveriam evitar usar computadores. Estudantes que não sabem trabalhar com computadores são virtualmente desempregados no mercado de trabalho actual...

Mas mesmo que o território digital fosse de facto ainda utópico, qual seria o problema de tal posição? O pensamento utópico é por vezes muito importante....

Mais que isso, a psicanálise dir-nos-ia que, actualmente, a fantasia é constitutiva de todas as formas de identidade.

Não encerremos a fantasia....

Tradução de Ana Santos, Eugénio Cardoso e Gonçalo Furtado